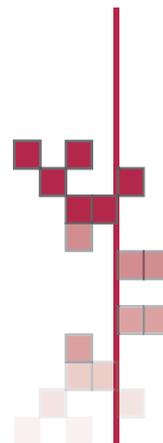


Resenha



Etnometodologia e análise da conversa: dando sentido às interações cotidianas

Ethnomethodology and conversation analysis: Giving meaning to everyday interactions

WATSON, R.; GASTALDO, É. 2015. *Etnometodologia e análise da conversa*. Petrópolis/Rio de Janeiro, Vozes/PUC-Rio, 183 p.

Rafaela Nunes Marques¹
rafaelanunesmarques@hotmail.com

Lançado em 2015 pelas editoras Vozes e PUC-Rio, o livro *Etnometodologia e Análise da Conversa* contribui para preencher uma lacuna em um ramo proeminente das Ciências Humanas e Sociais, pois grande parte do conhecimento em análise da conversa ainda é produzida, principalmente, em língua inglesa. Escrito por uma das maiores autoridades do campo da etnometodologia e da análise da conversa ainda na ativa e um dos principais expoentes da chamada "Escola de Manchester", Rod Watson, e pelo pesquisador brasileiro Édison Gastaldo, a obra nos brinda com uma visão abrangente da área. É dividida em quatro capítulos, a saber: "O que é etnometodologia"; "O ponto de vista conceitual da etnometodologia"; "Os estudos etnometodológicos do trabalho"; e "Análise da conversa: etnométodos para conversar", e apresenta ainda, ao final, uma entrevista com um de seus autores. Rod Watson é professor desde 1972 no Departamento de Sociologia da Universidade de Manchester e, no transcurso de quase 30 anos de carreira, construiu reputação acadêmica internacional como um dos mais destacados na área da etnometodologia e análise da conversa, já que foi discípulo de Harold Garfinkel, Erving Goffman e Norbert Elias, assim como responsável pela introdução da perspectiva etnometodológica no Japão e na América Latina. Em 2009, ele recebeu o Prêmio *Distinguished Research Publication*, outorgado pela *American Sociological Association*, e em setembro de 2011 esteve no Brasil para ministrar um curso de etnometodologia e análise da conversa, fruto da iniciativa conjunta dos departamentos de Letras e Comunicação da PUCRJ e da UFRRJ. O outro autor da obra, Édison Luís Gastaldo, foi um dos coordenadores desta ação e é pesquisador do CNPq, professor no programa de pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e pesquisador no Centro de Estudos de Pessoa/Forte Duque de Caxias.

Os autores iniciam a obra localizando o leitor a respeito de seus objetivos e também de conceituações próprias do campo, bem como de alguns embates teóricos entre a etnometodologia e o que foi intitulado como "Análise Formal" (AF), que nada mais é do que as sociologias convencionais, clássicas ou ortodoxas. Assim, expõem que um dos objetivos da obra é discutir as abordagens naturalistas nas Ciências Sociais, enfocando a etnometodologia e a análise da conversa, abordando, assim, seus pontos comuns e suas divergências.

¹ Universidade de Brasília. Campus Universitário Darcy Ribeiro. Faculdade de Educação. 70910-900, Brasília, DF, Brasil.

A obra trata de práticas sociais cotidianas, dedicando uma atenção especial às interações e enfrentamentos de membros da sociedade diante da concretude das situações sociais tal qual se apresentam no dia a dia. Portanto, para percebermos o papel dado aos eventos triviais e do ponto de vista de pessoas comuns, os autores conceituam inicialmente o campo. A etnometodologia (EM) é um ramo das Ciências Sociais que busca estudar aquilo que as outras teorias sociais parecem negligenciar: as pessoas singulares em suas ações cotidianas, e os modos pelos quais elas, em interação, dão sentido ao mundo. Assim, o que importa para a EM são os pontos de vista das pessoas, as maneiras como elas, coletivamente, produzem saberes sociológicos e teorias sociais na prática. O termo "etnometodologia" foi criado pelo sociólogo americano Harold Garfinkel, pai também das concepções desse ramo, no final dos anos de 1960. Garfinkel, conforme dito anteriormente, também foi um dos mestres de Rod Watson, um dos autores dessa obra. A intenção de Garfinkel com a EM era romper com a sociologia funcionalista normativa positivista de Talcott Parsons, que por sinal era o seu orientador (e que, conforme os autores, foi generoso em aceitar a crítica e fundamento filosófico que Garfinkel expôs em sua tese), produzindo, assim, uma nova vertente de pensamento social, de fundamentação fenomenológica.

O capítulo 1 do livro, de caráter introdutório, objetiva traçar um panorama histórico das origens do pensamento etnometodológico e a sua relação com a fenomenologia de Husserl e Schütz. De acordo com Watson e Gastaldo, a etnometodologia designa o estudo dos métodos culturais usados pelas pessoas comuns para dar sentido aos contextos específicos de seu mundo e para converter esses sentidos em ações e interações sociais. Assim, o objetivo da EM é trazer à luz as regras e os princípios que tomamos como dados, mas por meio dos quais cada um de nós faz "o mundo" ter sentido. Já que, na EM, o ponto de partida é o ponto de vista das pessoas comuns, os autores sinalizam já no primeiro capítulo para a importância da linguagem como o mais importante veículo de troca de significados e o modo pelo qual as pessoas "produzem" a realidade pela fala-em-interação, apresentando-nos a Análise da Conversa (AC). Porém, só irão centrar-se massivamente neste derivado da EM no quarto capítulo. Watson e Gastaldo ainda apresentam outro "parente", como eles mesmos denominam, da EM, as chamadas etnoinvestigações. Estas foram desenvolvidas por Edward Rose no início dos anos de 1970, pesquisador que considerava as pessoas como "etnógrafos de senso comum", isto é, pessoas comuns podiam muito bem falar por si próprias sem que precisassem de um etnógrafo para dar sentido às suas falas; assim, os discursos dessas pessoas continham um conhecimento de senso comum bastante sofisticado sobre as situações que descreviam, pois, para o estudioso, a linguagem contém uma "sociologia natural". Por meio de um breve histórico das origens filosóficas, os autores situam a origem da etnometodologia na fenomenologia, desenvolvida no final do século XIX por Edmund Husserl. Porém, eles demonstram que o interesse maior de Garfinkel foi pela fenomenologia de Schütz, filósofo seguidor de Husserl, que a estendia ao estudo

da vida social, baseando-se nas práticas sociais empiricamente ocorrentes (modelo *praxiológico*). Influenciado pela perspectiva de Schütz, Garfinkel iniciou a etnometodologia entre o final dos anos de 1950 e início dos de 1960. Erving Goffman, sociólogo canadense, também foi decisivo para o desenvolvimento da etnometodologia, sobretudo fora dos Estados Unidos. Watson e Gastaldo concluem seu primeiro capítulo com sete premissas teóricas que são bases para a compreensão da EM.

No capítulo 2, o ponto de vista conceitual etnometodológico é apresentado com maior profundidade e a partir de seu contraste com a sociologia convencional. Watson e Gastaldo iniciam citando Garfinkel, que considera a EM e as "sociologias dominantes" (convencionais, ortodoxas ou clássicas) que, conforme já dito, foram intituladas por ele mesmo de "Análise Formal" (AF), como duas tecnologias de análise social incompatíveis e assimetricamente alternadas. Ainda para Garfinkel, a EM e a AF estão relacionadas, no sentido de que uma define a outra por contraste, mas esse é o limite de sua coexistência. Assim, o projeto da EM é reespecificar, de modo metodologicamente radical, a abordagem clássica da AF, considerando os detalhes específicos, que (para os participantes) dão sentido a um dado contexto ou conjunto de atividades e que estão faltando porque a AF os fez desaparecer.

Watson e Gastaldo expõem, então, as principais diferenças entre a etnometodologia e a análise formal. Assim, enquanto as sociologias derivadas da análise formal buscam encontrar e descrever a "ordem no nível geral", ou seja, a ordem social no nível abstrato, a etnometodologia busca encontrar e descrever a "ordem no nível local" dos fenômenos sociais, nos detalhes contextuais das ações, no nível concreto. Com relação aos modelos de ator social, a AF, por vezes, considera o ator, mesmo que implicitamente, como "imbecil cultural", enquanto na EM o ator social é um agente que emprega métodos de produção de sentido que estão no seu saber cultural/procedimental. Garfinkel ainda contesta Durkheim com relação aos fatos sociais e, segundo os autores do livro, ele democratiza a sociologia, ou ao menos relativiza seu tradicional elitismo, sendo assim reconhecido como um analista praxiológico metodologicamente radical. Os autores ainda dedicam atenção especial neste capítulo ao contexto, por este ser considerado essencial para a EM. Para eles, a indicialidade (ou indexicalidade) é um importante conceito para a EM, principalmente em suas etapas iniciais. Indicialidade significa, em poucas palavras, "referência ao contexto". Enquanto a sociologia convencional tende a tratar as pessoas como se elas não estivessem conscientes do contexto de suas ações, a EM procura justamente as orientações sobre o contexto compartilhadas pelos participantes. Consequentemente, a sociologia convencional tem como seu objetivo central a substituição de expressões indiciais (pronomes pessoais, alguns advérbios, etc.) por expressões objetivas, isto é, chegar a proposições que sejam verdadeiramente independentes do contexto, que sejam autosustentáveis. Para Garfinkel, todas as expressões efetivamente utilizadas possuem propriedades indiciais, mesmo que linguistas, lógicos, filósofos e cientistas sociais usem e tratem algumas

como se fossem objetivas. Assim, o sociólogo enfatiza os aspectos do sentido e da produção de sentido para as pessoas. O sentido de uma situação pode ou não ser concebido pelas pessoas *in situ* em termos de *per se*.

Os autores do livro salientam que outro conceito central para a EM é a reflexividade, que, diferentemente da concepção pós-moderna, não é uma propriedade dos atores, mas uma atividade de produção de sentido; trata-se de uma reflexividade da ação e não do ator. Para Garfinkel, para encontrar a produção de sentido, precisamos olhar para o domínio das ações ou práticas culturais, atividades que expressam e se baseiam em saberes culturais compartilhados.

Watson e Gastaldo concluem o capítulo ressaltando o modo singular entre as sociologias com que a EM toma como seu objeto os métodos culturais usados pelos membros da sociedade para fazer sentido de sua situação por meio de reparos de particularidades indiciais; assim, o procedimento de produção-de-sentido-na-ação, *in situ, in vivo* é o principal foco da EM, um fenômeno que é tipicamente presumido, mas nunca estudado pela sociologia tradicional.

Os estudos etnometodológicos do trabalho são tema do capítulo 3. Nele, os autores traçam um panorama que representa o quanto o trabalho é tópico central e recorrente na sociologia desde a sua criação. Perpassam expoentes neste ramo como Karl Marx, Émile Durkheim, Max Weber e Norbert Elias, mas enfatizam que, embora várias questões sobre o trabalho tenham sido brilhantemente abordadas por esses autores (como: natureza, alienação, divisão, racionalização, burocratização e controles normativos), um aspecto tem permanecido negligenciado, que é o uso da linguagem. Assim, já que a linguagem ocupa posição de centralidade na EM, que trata seu "uso" como algo que envolve um conjunto de práticas sociais localmente situadas, interessa-se também pelos estudos etnometodológicos do trabalho. Tais estudos tiveram impulso nas décadas de 1980 e 1990, com a publicação da coletânea *Ethnomethodological Studies of Work* de Garfinkel, mas continuaram desenvolvendo-se também depois desse feito. Importante ressaltar que a EM e a AC foram adotadas pelos laboratórios de pesquisa em empresas de ponta na tecnologia da informação e comunicação (TIC), como a Microsoft e a Xerox. Em decorrência disso, a EM, até então marginalizada na sociologia acadêmica, rapidamente se tornou um dos maiores *players* nos estudos do mundo do trabalho real. Tal reconhecimento se deve à abordagem que a EM deu aos estudos do trabalho. Garfinkel imprimiu a esses estudos a "singularidade" (*haecceity*), que são detalhes do campo fenomênico concreto distintamente identificáveis de uma atividade ou situação – sua unicidade, seu aqui e agora, sensibilizando os analistas para os aspectos e as dinâmicas distintivamente locais de uma dada atividade ou situação social para as pessoas que dela participam.

O quarto capítulo do livro trata, de forma detalhada, da Análise da Conversa (AC) – criada em 1960 e herdeira da mentalidade analítica etnometodológica de Harvey Sacks com a colaboração de Emanuel A. Schegloff e Gail Jefferson. Tal termo designa a análise de senso comum, os etnométodos emprega-

dos pelas pessoas enquanto conversam, visando a produzir não somente frases, mas perguntas, respostas, convites, saudações, despedidas, etc. Esta "análise prática" ocorre durante as conversas dos interlocutores, que ao mesmo tempo produzem e monitoram sequências discursivas alternadas, na complexa atividade diária de conversar. Watson e Gastaldo retomam Georg Simmel quando diz que "a conversa é a mais ubíqua, a mais precisa e singular das formas de sociação" (hoje diríamos interação social). Eles ainda lembram que, no Brasil, a área que concentra a maior parte dos pesquisadores em AC é a Sociolinguística Interacional. Pois, segundo Ribeiro e Garcez (2002), ela se propõe a estudar o uso da língua em interação, e esses momentos de interação face a face são vistos como cenários de construção do significado social e da experiência, passíveis de análise e de interesse sociológico e linguístico. Ribeiro e Garcez (2002), ao tratar da Sociolinguística Interacional, ainda remetem à "situação negligenciada", proposta por Erving Goffman, e que nada mais é do que a situação engendrada na comunicação face a face, ou seja, a situação social como cenário de pesquisa, mas que representa ainda um fenômeno pouco estudado até então.

Voltando a Watson e Gastaldo, ao longo do capítulo, seguem tratando das semelhanças entre a EM e a AC. Iniciando por sua mentalidade analítica, ambas rejeitam técnicas de pesquisas experimentalistas, exemplos inventados e convenientes, metáforas radicais, situações imaginadas, simuladas ou simulacros de interação social, utilizando-se de uma abordagem radicalmente naturalista. Os pesquisadores da AC recorrem a transcrições de fala e utilizam convenções e codificações que visam evidenciar a dimensão interacional das conversas. Assim, ressalta-se a organização social das interações conversacionais, ou, nos termos de um de seus criadores, Emanuel Schegloff, da "fala-em-interação". A AC representou uma importante inovação metodológica para a área de Linguística, tornando-a mais consciente da organização sociointeracional das situações de fala de grande significância para a produção coletiva de significado em situações sociais.

Porém, apesar de seu maior desenvolvimento ter sido na Linguística, os autores reforçam que as origens da AC são exclusivamente sociológicas, pois os sistemas de troca linguística formais ou institucionais são uma das formas pelas quais o uso da linguagem envolve práticas sociais.

Watson e Gastaldo encontram eco em suas discussões sobre a AC em Sidnell e Stivers (2013), que afirmam que o campo de Análise da Conversação (AC) representa a aproximação dominante para o estudo das interações sociais por meio de disciplinas como a Sociologia, Linguística, Antropologia e Comunicação. Esses estudiosos têm conseguido conectar descobertas analíticas de conversação para outros campos de investigação, incrementando a dimensão e o alcance intelectual da AC.

Maynard (2012) reitera tal colocação quando ressalta que, como examina os originais de Gail Jefferson, pode demonstrar como AC perpassou fronteiras disciplinares incluindo finalmente Sociologia, Antropologia, Filosofia e Linguística.

Watson e Gastaldo ressaltam que juntas a EM e a AC realizaram a virada linguística em Sociologia, e essa pode ser a

origem do preconceito sofrido por elas nos anos 1960 e 1970 nos meios acadêmicos. Assim, questões como *indicialidade*, *intersubjetividade-em-ação* e *reflexividade* são empregadas em ambas as abordagens. Os autores ainda destrincham a AC problematizando as atividades de tomadas de turno e de categorização de pertencimento, e "pares de adjacência" com exemplos elucidativos propostos nos estudos dos precursores e criadores da abordagem. Assim, concluem o capítulo, justificando que optaram por trabalharem com análise sequencial e categorial dentro da AC, e que outras categorias podem ter sido negligenciadas, pois as citadas são mais importantes para a abordagem sociológica da EM.

Os autores concluem a sua obra apontando as vantagens de uma "virada etnometodológica" na Sociologia, o que imprimiria a essa ciência um critério praxiológico e sem resíduos estruturalistas. Afirmando também que, ademais das diferenças, os etnometodólogos sempre reconheceram a seriedade das sociologias convencionais. Deixam claro, também, que a etnometodologia se modifica a cada vez que um novo tópico é abordado, de modo a preservar a essência do tópico. Por fim, a obra nos apresenta com a entrevista concedida por David Rodney Watson, em sua vinda ao Brasil em 2011.

O livro, embora preencha lacuna de uma publicação em nível introdutório que reúne discussões mais recentes sobre o tema, até então tangenciado por Marcuschi (1986), pois tinha como foco a análise da conversação, por Kerbrat-Orecchioni (2006) e mais profundamente pelo grupo de pesquisadores brasileiros coordenados por Loder e Jung (2008), que trataram mais especificamente da fala-em-interação, ainda não oferece análises e ilustrações com dados de interações originalmente em língua portuguesa, e não se propõe a imprimir "a identidade própria que a análise da conversação brasileira tem desenvolvido" (Loder e Jung, 2008, p. 8). Porém, espelha o vigor que o campo

tem demonstrado no Brasil e a importância de pesquisadores do campo da Linguística, Antropologia, Sociologia e Educação e da intersecção entre esses campos, demonstrando que o século XXI exige uma rica e vibrante comunidade de estudiosos trabalhando por meio do largo leque de linguagens, instituições, contextos ordinários e fronteiras disciplinares. A obra consegue traçar um panorama histórico muito interessante da etnometodologia e da análise da conversa, ressaltando os expoentes que desenvolveram e participaram de cada abordagem. É interessante ressaltar também que a obra é fruto do trabalho de grupos de pesquisa situados em universidades do Rio de Janeiro, o que demonstra que o já frutífero campo tende a se expandir e consolidar mais ainda a sua identidade nacional.

Referências

- LODER, L.L.; JUNG, N.M. 2008. Introdução. In: L.L. LODER; N.M. JUNG (orgs.), *Fala-Em-Interação Social: Introdução à Análise da Conversa Etnometodológica*. Campinas, Mercado de Letras, p. 7-15.
- KERBRAT-ORECCHIONI, C. 2006. *Análise da Conversação: princípios e métodos*. São Paulo, Parábola Editorial.
- MARCUSCHI, L.A. 1986. *Análise da Conversação*. São Paulo, Ática.
- MAYNARD, D.W. 2012. Everyone and no one to turn to: Intellectual roots and contexts for conversation analysis. In: J. SIDNELL; T. STIVERS, *The Handbook of Conversation Analysis*. Oxford, Wiley-Blackwell, p. 10-31. <https://doi.org/10.1002/9781118325001.ch2>
- RIBEIRO, B.T.; GARCEZ, P.M. 2002. Apresentação. In: B.T. RIBEIRO; P.M. GARCEZ (orgs.), *Sociolinguística Interacional*. São Paulo, Edições Loyola, p. 7-11.
- SIDNELL, J.; STIVERS, T. 2012. Introduction. In: J. SIDNELL; T. STIVERS, *The Handbook of Conversation Analysis*. Oxford, Wiley-Blackwell, p. 1-8. <https://doi.org/10.1002/9781118325001>

Submetido: 06/09/2016

Aceito: 11/10/2016